

PEREIRA, Henrique Manuel

*Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*

Coimbra: Alforria-Tenacitas, 2015. 256 p. ISBN: 978-989-8665-13-3

PEREIRA, Henrique Manuel


*Raízes do tempo: à volta de Padre Américo*

Coimbra: Alforria-Tenacitas, 2015. 191 p. ISBN: 978-989-8665-14-0

LUÍS LEAL

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2020.10339>

Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0002-9938-2939>

Padre Américo Monteiro de Aguiar (Penafiel, 23 de outubro de 1887 – Porto, 16 de julho de 1956), figura incontornável da História da Igreja, da Assistência e da Pedagogia do século XX em Portugal, é não só o fundador da “Obra da Rua – Casa do Gaiato”, mas igualmente autor de um vasto acervo literário constituído pelos seus artigos, primeiramente publicados nos jornais *Correio de Coimbra* e *A Ordem* (da Diocese do Porto) e finalmente *O Gaiato* (por si mesmo fundado em 1944), artigos estes que foram posteriormente compilados nos volumes publicados pela Editorial da dita Obra da Rua e que tornam hoje possível um acesso mais imediato a todo este seu legado. Não obstante o meritório trabalho de compilação e organização desenvolvido, ao longo de vários anos, pelo Padre Carlos Galamba (“Padre da Rua” que sucedeu a Padre Américo no comando dos destinos da Obra e do referido Jornal), quem se interessa por conhecer de forma mais aprofundada esta sua herança literária (fonte primordial para o conhecimento e compreensão do seu pensamento) registava a existência de uma lacuna que era urgente suprir. Com efeito, ainda antes de ser reconhecido, pelos seus textos e ação, como o “Apóstolo dos tugúrios”, Padre Américo havia já colaborado ativamente na Revista *Lume Novo*, dos alunos do Seminário de Coimbra (onde fez a sua formação teológica), uma colaboração que teve como frutos uma série de 22 artigos, publicados entre 8 de dezembro de 1926 (data do 1º número da Revista) e junho de 1930. E são precisamente esses textos-artigos que, não sem um igualmente meritório trabalho de recolha e organização, Henrique Manuel Pereira nos torna disponíveis em *Padre Américo: Frei Junípero no Lume Novo*.

Assim, e registando a «dupla circunstância» da «passagem de nove décadas sobre a entrada de Américo Monteiro de Aguiar (...) no Seminário Episcopal da Sagrada Família (...) e a publicação do primeiro número de Lume Novo revista manuscrita, profusamente ilustrada (...) onde ele terá começado a sua carreira de escritor» (p. 11-12), Henrique Manuel Pereira procede à disponibilização (e permite assim uma maior divulgação e mais aprofundado conhecimento) de tal acervo literário até agora silente. Embora reconhecendo «a impossibilidade de um fac-simile» (p. 62), é de registar a publicação neste volume não apenas dos referidos 22 artigos da autoria de Padre Américo – “Frei Junípero” («pseudónimo do seminarista Américo de Aguiar», nome inspirado n’ «(...) um dos primeiros companheiros e discípulo predilecto de S. Francisco [de Assis]» (p. 44), mas igualmente das

---

capas da edição da revista em que cada um deles foi originalmente publicado, bem como de outras ilustrações e desenhos «via de regra a caneta e tinta» (p. 62) que costumavam acompanhar os textos desta Revista.

Na longa introdução ao volume (p. 11-65), Henrique Manuel Pereira propõe uma espécie de revisitação a esse período fundamental da biografia de Américo Monteiro de Aguiar: o seu trânsito entre o convento Franciscano de Vilarinho da Ramalhosa (Tui) e o Seminário de Coimbra (após uma tentativa – frustrada – de ingresso no Seminário Maior do Porto). O autor sublinha em particular a «aproximação a Francisco de Assis» (p. 23. 42-46) e o “carácter peculiar” de Américo-seminarista que, nos seus escritos e atitudes, deixava transparecer uma «cultura e erudição» (p. 55) assinaláveis: embora o próprio Américo viesse mais tarde a dizer que tinha «(...) um só livro; é o Novo testamento» (p. 55), Henrique Manuel Pereira regista os relatos de seus companheiros de Seminário que atestam os plurifacetados interesses literários de Américo Monteiro de Aguiar, comprovados igualmente pelos dados recolhidos nas suas cartas ao seu amigo Simão Neves, onde, por exemplo, recomendava a leitura de obras de Manuel Ribeiro ou as biografias de «Garrett, Dickens, Antero, João de Deus, e tantos outros» (p. 58). Estes e outros dados, assim contextualizados, permitem a Henrique Manuel Pereira não só estabelecer o horizonte de compreensão dos textos agora compilados (e trazer alguma luz sobre certos contornos mais difusos da sua autenticidade autoral) mas sobretudo relevar a personalidade poliédrica do autor em questão.

Apreciando literariamente estes escritos, Henrique Manuel Pereira reconhece neles a marca estilística de Eça de Queirós (que Américo terá lido profusamente) e Guerra Junqueiro, cujas *Prosas Dispersas* também assumidamente leu (cf. p. 60). Não obstante estas interessantes intersecções, o autor lamenta, com Zacarias de Oliveira, a ausência de um estudo que analise «minuciosamente» (p. 61) a qualidade literária de toda a obra escrita de Padre Américo, dando assim conteúdo e significado científico à sua “definição” como “Artista da palavra” (Ernesto Candeias Martins).

A terminar a sua introdução, Henrique Manuel Pereira deixa-nos ainda informações sobre as gravuras e desenhos que ornamentavam os «treze primeiros números da *Lume Novo*» (p. 62), da autoria de (Monsenhor) Augusto Nunes Pereira.

Segue-se então (pp. 67-227) a transcrição dos vinte e dois textos assinados por e/ou atribuídos a Padre Américo/Frei Junípero, acompanhados das respetivas capas dos volumes da Revista e ilustrações apensas. E a prova de que este acervo é verdadeiramente merecedor da atenção e divulgação que o presente volume concretiza está não só no anteriormente explicitado contexto de origem, mas particularmente no próprio conteúdo. De facto, através da leitura destes artigos de “Américo-seminarista” torna-se já possível construir um esboço da personalidade (literária) do “Américo-padre”: a título de exemplo, já aqui se nota a presença inspiradora e modelar de figuras como Jesus Cristo («Alguma coisa do que eu senti», p. 137-142 e «O Apóstolo do Amor e da Vida», p. 143-147), Francisco de Assis (ver o belíssimo «Mansões de Paz», p. 89-94 e «O Apóstolo do Amor e da Vida», p. 143-147), S. Paulo («Algumas coisas do que eu senti», p. 137-142) ou Sta. Teresinha do Menino Jesus («O Apóstolo do Amor e da Vida», loc. cit.); já aqui se revelam alguns traços das suas origens familiares e do seu percurso vocacional («Uma rapsódia», p. 153-161, «O Cantador», p.

199-204); e, para concluir, também aqui se faz já patente o seu espírito acutilante e deveras crítico daquelas idiossincrasias por ele consideradas como impeditivas ao progresso humano, como são os casos da «piolhice nacional» e da “hidrofobia” dos portugueses (cfr. «Duas palavras acerca de duas coisas», p. 123-131). Estes mesmos textos (e os demais que aqui não se referem) suscitam estas e muitas outras linhas de leitura que aqui não cabe especificar; sirvam estas para ilustrar e justificar, uma vez mais, a riqueza e importância deste manancial agora tornado mais acessível.

Termina o volume com algumas notas explicativas (p. 229-234) aos ditos textos-artigos, um registo-elenco bibliográfico dos mesmos (p. 237-238) e dois muito interessantes anexos, igualmente retirados de *Lume Novo*, mas desta vez constituindo dois testemunhos de outros tantos companheiros de Padre Américo, referentes a dois momentos significativos da sua biografia: Lourenço de Matos recorda a chegada daquele «seminarista, já de certa idade» que «contava coisas da África selvagem, coisas da África civilizada (...) sempre férteis em peripécias interessantes» (p. 246); e Manuel Peixoto, que relata «a missa nova do nosso Américo», um texto que haveria igualmente de ser recuperado n’ *O Gaiato* por ocasião das “Bodas de Prata” da ordenação presbiteral de Padre Américo (p. 255-256, nota).

Por sua vez, em *Raízes do tempo. À Volta de Padre Américo*, Henrique Manuel Pereira traz à estampa um conjunto multiforme de textos que têm como centro gravitacional a figura e a memória de Padre Américo, tal como o título do volume aponta: nele se encontra a transcrição de “conversas – chamar-lhes entrevistas parece-me presunçoso” (p. 12) com os “Padres da Rua” Carlos Galamba e António Baptista e com os bispos D. Eurico Dias Nogueira e D. António Marcelino, bem como textos da autoria do próprio Henrique Manuel, até agora dispersos no tempo, nos propósitos e nos contextos de publicação. O resultado obtido é o de um pequeno, mas significativo “sistema radicular” que vai beber à vida e legado de Padre Américo a seiva de inspiração e desafiadora para cada um destes protagonistas-interlocutores do compilador-autor e das suas próprias reflexões. Cumpre, pois, o propósito do livro, sub-repticiamente manifesto na “dedicatória”, de fazer rediviva a memória de todos («Senhoras Mães», gaiatos, Padres da Rua e «bispos que ama(ra)m a Obra da Rua», p. 9), trazendo à luz estes «ciscos», estes «fragmentos», estes «pequenos instantes. São eles que, com frequência, tornam o tempo legível e permitem ver sentidos no que parece não ter sentido» (p. 169).

Uma vez mais, e em conformidade com o que nos tem habituado, Henrique Manuel Pereira presenteia-nos, nestes seus dois livros, com mais dois relevantes contributos ao permanente exercício de reconstrução da personalidade do «Padre mais extraordinário do século [passado]» (*Raízes do tempo*, p. 171), trazendo renovada luz sobre algumas das suas “facetas” mais obnubiladas pelo tempo. Bem-haja pelo seu esforço na “persistência desta memória”.